

# MAGRE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANARIO

ANO III — N.º 111 — Preço 5\$00 — 31/8/78

## CONSELHO MUNICIPAL

### INTERVIR NA VIDA DO CONCELHO

Dos três órgãos de poder local, o Conselho Municipal é o de mais recente formação e o único que não resultou de eleições, sendo constituído por representantes de organizações económicas, culturais e profissionais. Daí que, talvez, não seja muito conhecido pela população espinhense que ignora a sua verdadeira importância. É composto por 14 elementos, já que a Mi-

do de Sousa (*Associações desportivas de âmbito concelhio*), Alcino Almeida e Manuel Marques (*União dos Sindicatos*), Ernesto Lucas (*Associações culturais de âmbito concelhio e de freguesia*) e José Neto (*Associações de moradores*), além dos elementos da mesa.

Para ficarmos com uma ideia mais clara das suas funções, das suas possibilidades de tra-

deste órgão.

« O Conselho Municipal tem funções puramente consultivas: obrigação de dar parecer quanto ao orçamento, plano de actividades, relatório e contas, plano director, contracção de empréstimos ou quando para tal for solicitado pela Câmara ou pela Assembleia Municipal, havendo para os pareceres obrigatórios um determinado prazo.

É, portanto, um órgão passivo que aguarda os pedidos de intervenção por parte dos outros órgãos, mas não deixa de ter uma certa capacidade de inicia-

continua na página 6



« AS PESSOAS PODEM ABEIRAR-SE DO CONSELHO E SOLICITAR A SUA INTERVENÇÃO »

sericórdia não indicou representante, e a sua composição definida pela Assembleia Municipal é a seguinte: Joaquim Dias (*Associações Patronais*), Dias Carneiro (*Cooperativas*), Ernesto Oliveira (*Corporações de Bombeiros*), José de Almeida (*Associações de Assistência*), Albano Andrade (*Trabalhadores da Câmara*), Jaime Gomes (*Associação de Estudantes*), Rolan-

balho, do que representa para a defesa dos interesses das populações abeiramo-nos dos elementos que constituem a mesa do Conselho Municipal, Casal Ribeiro (*Nascente*), *Madureira Gil* (*Sindicato dos trabalhadores do Comércio e empregados de escritório*) e *António Macedo* (*Trabalhadores da Câmara*), que tentaram dar-nos uma imagem o mais esclarecedora possível

## OS TRABALHADORES E OS TEMPOS LIVRES

O direito às férias e aos tempos livres é uma conquista dos trabalhadores, que por ele vem lutando desde o advento do capitalismo, tendo conseguido, pouco a pouco, significativas vitórias, que começaram pela redução progressiva do horário de trabalho e atingiram já, em muitos casos, o usufruto da semana inglesa e o Mês de férias por ano.

Mas se estas conquistas se devem essencialmente à luta que os trabalhadores vem desenvolvendo desde há longos anos, não é menos certo que os «manuais» do capitalismo moderno recomendam eles próprios um certo tempo de descanso para os trabalhadores, pois o trabalho em excesso pode fazer baixar para níveis muitos baixos o índice de produtividade. Mas o que esse capitalismo moderno já não defende, naturalmente, é o aproveitamento dos tempos livres,

por parte dos trabalhadores, no seu enriquecimento cultural e na valorização consequente da sua aptidão para definirem lucidamente o seu papel no sistema e avançarem para a sua contestação. O seu objectivo continua a ser apenas, que os trabalhadores aproveitem as férias e os seus tempos livres para «descansarem» e estarem assim aptos a darem o melhor rendimento quando do regresso ao trabalho.

As próprias solicitações do sistema são, só por si, um factor importante no desvio dos trabalhadores para a ocupação dos seus tempos livres em actividades inúteis ou prejudiciais para esse enriquecimento cultural. Por outro lado, os antecedentes da maioria dos trabalhadores na aquisição de instrumentos culturais ajudam à continuação da sua marginalização

continua na página 6

## LOUROCOOPE

### — UM ANO NA DEFESA DO CONSUMIDOR

A LOUROCOOPE está a comemorar o seu aniversário: 4 anos de iniciativa e organização popular (constituição da cooperativa a 20 de Agosto de 1974), e 1 ano de actividade ao serviço e em defesa do consumidor (abertura do seu primeiro auto-serviço a 27 de Agosto de 1977).

Do programa das comemorações constam várias actividades, algumas já realizadas durante o mês em curso (colóquio «SAÚDE E ALIMENTAÇÃO», sessões de cinema e exposição fotográfica e documental, Festa popular), outras a realizar durante parte do próximo (noite de teatro, festa para crianças e colóquios «A CARNE NA ALIMENTAÇÃO» e «COOPERATIVISMO: ALTERNATIVA PARA A ECONOMIA PORTUGUESA»).

Mas a maior festa reside, precisamente, na existência da cooperativa, na afirmação de força e organização que ela representa, isto ao fim de apenas um ano de funcionamento efectivo, tal como nos conta a informação chegada até nós.

continua na página 3

## DE SEMANA A SEMANA

### Construir a alternativa

O Governo tomou posse. Está assim percorrido todo um longo período de crise bem complexa e em que mais uma vez se desmascararam, aos olhos de quem quis ver, as actuações de certos políticos e forças políticas cuja missão principal, de Abril para cá, tem sido a de procurarem negar ao Povo Português a possibilidade de tornar reais os sonhos de então.

De um Governo que surge nas presentes condições, o que há a exigir é que apoiado na Constituição, cumpra as tarefas que o momento impõe e prepare caminho para uma alternativa.

E esta alternativa só poderá servir os interesses da maioria se passar pela formação de um governo democrático ou se surgir a partir da realização de eleições. Em

qualquer dos casos, a possibilidade de uma saída democrática só será possível com a consciencialização das amplas camaras populares que apostam na democracia. É que esta crise veio mais uma vez mostrar o indiferentismo perante a situação política que se nota em muitos sectores. E daí a embarcar em soluções demagógicas ou de força vai um passo.

## A Solverde mostra o que vale

A SOLVERDE sempre teve pretensões a criar uma certa imagem de entidade altamente preocupada com os interesses da cidade, como se de uma organização de benemerência se tratasse, não hesitando, para o efeito, em abrir os cordões à bolsa para dispor das verbas a que essa pretensão, e as cláusulas contratuais, é claro, obrigam. E embora o essencial da sua actividade, estritamente virada para os chorudos lucros que a zona de jogo proporciona, não escape a ninguém, há que fazer todo o possível para ir tentando fingir o que se não é.

E então dando-se a circunstância de surgirem diferendos com órgãos de poder local, como foi o caso das desinteligências criadas com a Assembleia Municipal a propósito do programa para as Festas de Verão, torna-se ainda mais importante que o papel protector da empresa venha ao de cima, para mostrar que a terra só lucra com a actuação isolada da Solverde. Por tudo isto era sobremaneira importante organizar um «programa» que

mostrasse o que a Solverde é e o que vale.

E o que é interessante é que efectivamente aquilo que a publicidade distribuída pomposamente apresenta como «realiza-

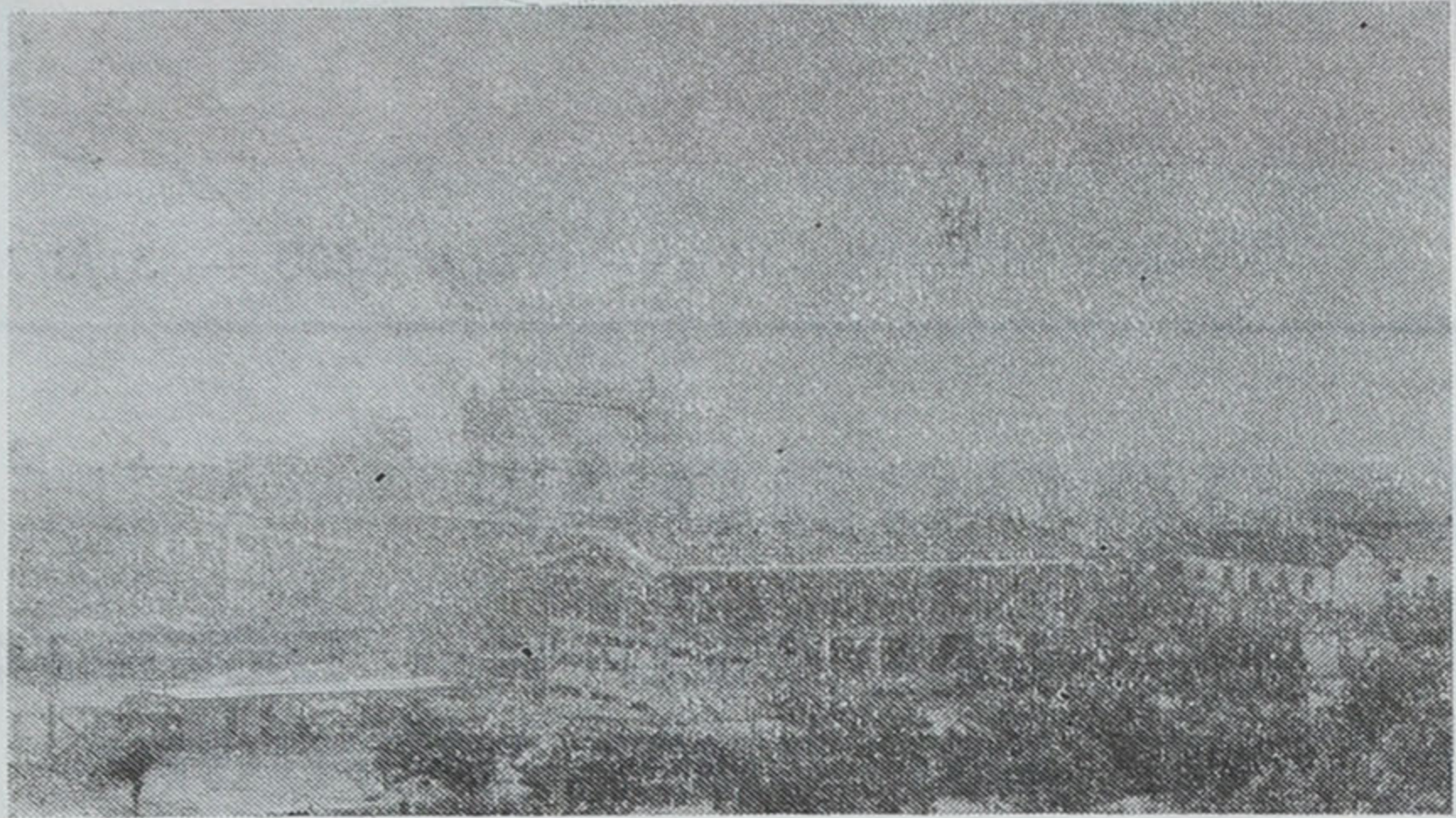
ções culturais e de animação» mostra claramente qual a ordem de preocupações que movimentam aquela empresa. De facto o que os burocratas de serviço

continua na página 3



E VIVA A CULTURA ... DE MASSAS, EVIDENTEMENTE

# ESTA CIDADE



## O Verão do nosso descontentamento

Foram meses à espera de Agosto. O trabalho, a poupança, o frio e a chuva de inverno aceites pelo sonho de um verão ainda distante mas onde as coisas iriam ser diferentes.

... E Agosto veio. O alívio das férias num fazer e desfazer de malas, transportando os sonhos acumulados. A procura do lugar-paráiso-perdido onde os meses de vida por encomenda desaparecessem no céu vermelho e quente de um pôr-de-sol dourado sobre o mar calmo e a areia fina.

Em Espinho, por exemplo. Mas aí alguma coisa falhou. E não foi a ânsia de fazer férias, não foi a capacidade de Espinho em receber, embora com as dificuldades conhecidas. Foi apenas aquele elemento inconstante que não há calendário que possa prever e muito menos alterar: o tempo.

Dias de sol, que os houve, foram poucos para o desejo de quem neles apostara. O nevoeiro foi a presença regular, acompanhando os dias pardacentos da crise habitual. Mas no fim, quando Agosto vai embora, o sol está de regresso, talvez para criar de novo a ilusão de que para o ano é que vai ser.

## « A mentira dura enquanto a verdade não chega »

Acerca da carta que publicámos no último número do nosso jornal com o título «Voluntários de Espinho não servem a população?» fomos contactados pelo quarteleiro daquela corporação que nos pediu a publicação de alguns esclarecimentos sobre o assunto. Passamos a transcrever o seu depoimento.

Vou começar por contar como as coisas efectivamente se passaram. Os familiares do Sr. José Vinheiras dos Santos tocaram de facto, à campainha do nosso quartel cerca das 5 da manhã do dia 13, pedindo uma ambulância. Como eu me encontrasse doente, e já tivesse alguma confiança com eles uma vez que os conhecia, pedi-lhes que contactassem os «Espinheiros» mas, caso estes não pudessem atender, eu, apesar de tudo, faria o serviço. Portanto eu não me recusei só agi mediante uma situação a que também apesar de tudo os quarteleiros estão sujeitos.

Gostaria agora de dizer o que é a vida de um quarteleiro para que as pessoas possam ajuizar e, até, perdoar uma ou outra falha que a gente cometa; nós temos que estar disponíveis para qualquer serviço durante as 24 horas do dia e temos muitas vezes de passar por cima das nossas folgas; praticamente desco-

nhecemos o que são refeições a horas regulares; arriscamos milhares de vezes na estrada a nossa vida na esperança de salvar a vida dos outros. E ainda por cima acontece que eu sou o único quarteleiro aqui...

Contrariamente ao que o senhor José Vinheiras dos Santos diz a sua família tem sido muito privilegiada pela nossa corporação; foram desde os inúmeros serviços de ambulância até aos simples telefonemas, e tudo sem pagar um tostão.

Queria ainda aproveitar a oportunidade para avisar as pessoas que eventualmente tenham visto recusados serviços de ambulância durante a noite que isso deve-se, não à má

vontade ou desleixo dos bombeiros mas simplesmente, ao facto de só termos um condutor; acontece muitas vezes que as pessoas telefonam e eu encontro-me fora a fazer um outro serviço e não posso desdobrar-me.

Bom... A mentira dura enquanto a verdade não chega. Para terminar, e ainda no que diz respeito ao senhor José dos Santos, e sobre o que afirma ele no final da sua carta, quero desejar-lhe que nunca mais venha a necessitar dos bombeiros. Mas, se alguma vez tiver que vir bater à nossa porta, garantilhe que será bem recebido e que faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para o ajudar.

# Mare Viva

SEMANARIO

Director :  
ANTONIO SANTOS

Redacção :  
RUA 62 N.º 251 - 1.º  
TEL. 921621 — ESPINHO

Propriedade :  
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :  
António Santos, Augusto Mota, Eduardo Oliveira, Eugénio Morais, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Jorge Lopo, Jorge Santos, Morais Gato, Moreira da Costa e Victor Sousa.

Colaboração especial :  
Carlos P. Morais.

Composição e impressão :  
TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.  
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

## Maré Viva

O JORNAL DA REGIÃO

## CINEMA

### S. PEDRO

Dia 31, Quinta-feira

LODO NA CIDADE

M/ 18 anos

No seguimento de outras fitas vindas dos «States» onde se mostra um cidadão vítima de uma acção criminosa como um desprotegido e ignorado pelas forças policiais, nesta película são nítidas as instigações à «justiça por conta própria». O método está bem evidente e é significativo para uma atenta reflexão sobre a actual sociedade americana.

Dia 1, Sexta-feira

100 QUARTOS EM BARAFUNDA

M/ 18 anos

Muito no género das comédias recheadas do típico humor britânico, Richard Lester, experiente conhecedor do «métier» assina esta realização que embora denuncie as suas preocupações comerciais, mantém aquela qualidade que se lhe exige. Por isso, lá estaremos.

Dia 2, Sábado

DUELO EM GLORY CITY

M/ 10 anos

Para quem se recorda ainda das fitas «western» da parceria Lex Barker - Pierre Brice, esta é uma das da série, provavelmente agora «desenterrada» de alguma prateleira da distribuidora. Registe-se um pormenor: o colorido é impecável, o resto de nulo interesse.

Dia 3, Domingo

1900 (1.ª parte)

M/ 18 anos

Dia 4, Segunda-feira

1900 (2.ª parte)

M/ 18 anos

Com muito tempo de atraso, só agora vem até nós a grande obra-prima de Bernardo Bertolucci. Pela primeira vez, uma obra com uma mensagem política progressista assume as proporções de uma produção gigantesca. Ao longo das cinco horas que compõem as duas partes, podemos testemunhar, através de três gerações que se sucedem desde o princípio deste século, até 1945 o que foi a ascensão, o apogeu e a queda do fascismo em Itália, desenvolvendo-se paralelamente uma crescente tomada de consciência pelos movimentos populares designadamente o campesinato,

concretizada na sua unidade e organização para uma luta mais consequente contra os seus exploradores e inimigos de classe.

As personagens, servidas por excelentes intérpretes (Robert de Niro, Gerard Depardieu, Donald Sutherland, Dominique Sanda, Stefania Sandrelli e outros), simbolizam o comportamento e confronto entre as forças sociais que representam, bem como as suas próprias contradições. Todo o desenrolar da acção e das diversas situações, é para nós, portugueses, fácil de comparar com situações recentemente vividas e daí compreender e avaliar a sua justa dimensão.

Como curiosidade, referimos que a sua exibição para ser autorizada no continente norte-americano foi exigido (para além de importantes cortes) a substituição do colorido vermelho das bandeiras revolucionárias por... azul. Atitude que por si define bem o cético e o ridículo de certas mentalidades.

Em síntese, um acontecimento cinematográfico histórico que não se deve perder de forma alguma.

Dia 5, Terça-feira

NA VIDA DE CADA UM HA SEMPRE... UM VERÃO 42

M/ 18 anos

Pelo que à primeira vista nos parece, trata-se da sequência do filme «Verão 42», que supomos ter sido realizado por Robert Mulligan. A mistura é grande e a confusão maior. Eis a razão das nossas desconfiadas reservas.

Dia 6, Quarta-feira

MARIANELA

M/ 13 anos

Uma produção espanhola daquelas do tipo que já não se usam. O melodrama barato com lágrima ao canto d'olho, estilo foga que te agarro. Uma desgraça completa.

## GREVE AO VINHO NA MARINHA



A história conta-se em poucas palavras: os armazenistas de vinho propunham-se aumentar o preço do vinho a entregar às lojas da Marinha, o que ia agravar em 4\$00 o preço no consumidor. Vai daí, os bebedores habituais daquela zona não tiveram mais do que declarar-se em greve enquanto o preço do copo, da cuca e do litro não voltassem a descer. «Durante três dias não vendemos um copo», diziam-nos numa tasca. E noutra: Eles não vinham cá, nem podiam vir, àquele preço». «Foi um cheio de rir aí com eles. Iam para a beira do fontanário que está ali e a malta passava — então vocês estão aí? — O vinho é caro, estamos aqui a beber nesta tasca que é de graça».

E porque é que os armazenistas subiram o preço? «Sei lá, dizem que já o pagaram mais caro».

Ou, na versão de um cliente: «O martelo e a água é que estão mais caros! Olhe eu paguei dois contos por um barril de cem litros. Nem é americano, nem é francês, nem é inglês. E bem se vê que a canalha botou dentro do barril um ferro ou uma pedra ou lá que diabo é, que quando eu rolo o barril aquilo faz um barulho dos diabos. Eu até já perguntei ao que mo vendeu se ele

se esqueceu do martelo lá dentro!».

Enfim, uma história deste dia-a-dia que vamos vivendo que nos fará por certo sorrir, talvez até gozar um tanto com a situação de pessoas que nos habituamos a considerar como bebedores incorrigíveis. Mas seja como for, não há dúvida que fazer greve ao vinho é coisa que dá que pensar. Pensar, por exemplo, que nesta greve os interesses de consumidores e vendedores (os pequenos comerciantes do bairro) foram igualmente postos à prova porque ambos se encontraram de repente como vítimas da subida de preços que parece incontrolável. (E se entretanto o vinho voltou a baixar foi porque os armazenistas retrocederam, à espera de melhor ocasião, ou porque os comerciantes se sujeitaram a vender com prejuízo). Pensar, ainda, que em Itália é situação frequente as donas de casa fazerem greve à aquisição de certos produtos que aumentam de preço. Pensar, enfim, que por trás de uma possivelmente caricata greve ao vinho se revela uma certa capacidade de organização e resposta a uma situação quando, infelizmente, perante outras, bem mais graves, o alheamento é a atitude normal. Que o vinho, ironicamente, ajuda a manter.

## FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250  
Sexta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320  
Sábado — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092  
Domingo — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352  
Segunda — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331  
Terça — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250  
Quarta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320

## Reformados avançam na organização

A Delegação de Espinho dos Reformados da Previdência tem desenvolvido um importante trabalho na consciencialização e defesa dos interesses daqueles trabalhadores que após uma vida de sacrifícios acabam por se defrontar na velhice com situações muitas vezes bem mais dramáticas ainda do que as que experimentaram enquanto novos. O lema «Um lugar no Portugal de Abril para o Outono da vida» é bem significativo do espírito com que os reformados encaram a sua luta, espírito que mais uma vez esteve presente no plenário que aquela Delegação levou a efeito no passado sábado, no Sindicato dos Corticeiros, em Lamas.

Esta sessão teve por objectivo contribuir para a «união de todos

os reformados» e activar a luta contra «as pensões de miséria», conforme foi afirmado nas várias intervenções que se registaram. Estiveram presentes vários sindicatos e outras organizações interessadas nos problemas dos reformados da Previdência. Esta presença é importante porque a solidariedade vinda de tais sectores permite uma melhor organização e demonstra também a consciência de que «o problema dos reformados será amanhã o problema dos trabalhadores de hoje». Saliente-se, aliás, que neste plenário foi feito o pedido de que o Sindicato dos Corticeiros, e a exemplo do que têm feito outros sindicatos, nomeie um dos seus dirigentes para dinamizar a organização dos reformados de Lamas.



O PROBLEMA DOS REFORMADOS SERÁ AMANHÃ, O PROBLEMA DOS TRABALHADORES DE HOJE

## Placa de sinalização é pomo de discórdia

A placa que assinala os limites da freguesia de Guetim, junto da Idanha (freguesia de Anta), é actualmente foco de discussão.

Em princípios de 1977 a Junta de Freguesia de Guetim, pretendendo delimitar correctamente a sua freguesia, estabeleceu contactos com as J. F. das freguesias que confrontam com Guetim para apurar, o mais exactamente possível, o perímetro guetinense.

No entanto, pouco ou nada foi conseguido em virtude de não existirem documentos comprovativos dos limites das freguesias. Foi então decidido aceitar os limites até então considerados como tal.

Nenhuma das freguesias levantou problemas às limitações excepto a J. F. de Anta, que contestou o limite que separa Guetim da Idanha. Mas não pôde contestar nada pois não possuía quaisquer dados para fazê-lo. Foi então decidido em Guetim colocar uma placa sinalizadora no local habitual.

Inicialmente pensou a J. F. de Guetim colocar uma placa com base em cimento, mas para tal era necessária a autorização do proprietário de uns terrenos onde ela deveria ser colocada.

Foi contactado o sr. Joaquim Pinto, genro e habitualmente considerado como administrador dos bens do proprietário em questão. Este senhor declarou não se importar com a colocação da placa, mas, conhecedor do problema (foi Pres. de Junta antes do 25 de Abril) opôs-se àquela determinação e mais declarou que nada faria para resolver o problema.

Em virtude de se terem feito dois contactos separados, um

pelo Pres. da J. F. e outro pelo secretário, e posto que as declarações do sr. Joaquim Pinto eram bem claras quanto às suas intenções, a J. F. de Guetim desistiu da placa de cimento.

Para a colocação de uma placa de azulejos, como era costume, houve que obter autorização do proprietário da casa em que a placa ia ser colocada. Este, o sr. Arlindo Carvalho, não só autorizou, como apresentou provas que atestavam ser a sua casa o limite de Guetim. Apresentou uma escritura comprovava do que afirmava, e ainda, na Fazenda Pública, demonstrou que a sua casa fora inscrita como prédio urbano de Guetim, no Artigo Rural, em 1969/70.

A J. F. de Anta teve todo o ano de 1971/72 para contestar o dito registo e não o fez. É de estranhar o zelo actual do sr. Joaquim Pinto, quando na altura devida negligenciou um pormenor tão importante...

Vieram então as querelas com a colocação da placa, já rela-

tadas no «M. V.»: primeiro, em princípios deste ano apareceu pintada com tinta preta, depois ligeiramente danificada e posteriormente veio a ser destruída. A J. F. de Guetim mandou colocar nova placa, que de 5 para 6 do corrente mês apareceu outra vez ligeiramente danificada.

Talvez por mera coincidência, um distraído agricultor colocou umas estacas num campo, que quase tapam o nome de Guetim...

A J. F. de Guetim promete voltar à carga.

Perguntamos: de que serve tanta sanha contra uma placa sinalizadora? Haverá por trás de uma (aparentemente) simples guerra de placas algo mais vasto?

Não é certamente com actualções clandestinas e usando métodos ao bom estilo do antigamente que se vão resolver os problemas locais das populações. Não será com baldes de tinta nem com picaretas que Guetim deixará de ser Guetim, ou que Anta alcançará maior progresso.

## A Solverde mostra o que vale

continuação da página 1

e os oportunistas da cultura fizeram foi de tal forma interessante que informações chegadas até nós deixam prever claramente que não só este verão espinhense esteve excepcionalmente animado (as tais realizações de animação), como o nível e a prática culturais da população, fixa e veraneante, mostraram subida acentuada (as tais realizações culturais).

Organizar um conjunto de audições musicais, que certa imprensa rápida em enrolar o rabo nas pernas do dono não encontrou melhor do que publicitar como «primeiro festival de música», ignorando ostensivamente o que já tem sido feito em anos anteriores pela Academia de Música, por exemplo, não é por certo inédito, nem difícil para quem pode gastar sem olhar a quanto. Mas é estranho que sabendo-se que ainda não há muito tempo tudo eram disposições para apoiar «grandes realizações», que para as pequenas iniciativas não está talhada a empresa, se venha agora fazer espectáculos com pequenos agrupamentos musicais, trios e duos, por exemplo (cuja qualidade e interesse musical não estão em causa, entenda-se), o que dá bem nota do improvisado e sem-cerimónia com que estas coisas são tratadas ali pelas salas do grande casino de Espinho. O que aliás bem se compreende porque há outras coisas mais importantes, é claro. Podia era evitar-se o pretensiosismo balfo e as falsas intenções.

De qualquer forma também os pequenos agrupamentos musicais merecem a atenção que o seu trabalho justifica. Exigem, por exemplo, para que a sua actualção tenha possibilidades de resultar, condições de audição que claramente o «salão nobre» não oferece, quer pelas suas grandes dimensões, quer pelas interferências sonoras que sobem até ele do dancing. Mas o importante será, certamente, que as realizações se façam dentro das paredes protectoras da sede da empresa, independentemente das condições...

Mas convenhamos que isso nem seria o mais importante (a não ser, talvez, para os músicos, que se devem ver em palpos de aranha para terem uma ideia de como estão a tocar, dadas as condições). Mais grave é ver-se tanta «boa-vontade» e tanto di-

nheiro gastos praticamente em vão. Ou não será em vão que tudo isto se passe na presença de tão poucas pessoas que têm assistido aos espectáculos que os músicos tenham que fazer horas a ver se aparece mais alguém e ao ponto de nos terem dito que por vezes, se não fosse a família dos músicos e alguns amigos ou colegas nem público haveria? E para evitar mal entendidos convém desde já esclarecer que a culpa da fraca participação não reside propriamente na falta de interesse das pessoas por esse tipo de espectáculos embora isso seja certamente factor a ter em conta.

Mas isto são coisas que a Solverde não está interessada em ter na devida conta. Aos tais burocratas de serviço pouco lhes interessa que vá mais ou menos público, que as pessoas se sintam cada vez mais disponíveis para este tipo de realizações. Basta-lhes juntar os cartazes da publicidade divulgada, os recibos com as despesas feitas, uma ou outra referência aprovadora de pessoa importante ou de jornal «atento e venerador», para poderem anotar nos livros e mandar dizer que a Solverde cumpriu as suas obrigações. Quanto aos oportunistas da cultura, curvam-se para agradecer os aplausos que a sua vaidade reclama, rosnam entre dentes o seu desgosto pelo desinteresse do «povo» pelas «manifestações artísticas» e contabilizam o lucro à maneira que mais lhes convém.

Mas uns e outros longe de pensar em utilizar as possibilidades de que a Solverde dispõe para uma verdadeira animação cultural da cidade, porque de certeza que as pessoas não são estúpidas e até estariam receptivas a participar, mas noutros moldes, por certo. Senão, é ver a multidão de pessoas que se interessam pelos concertos que vão aparecendo pela Igreja, alguns deles com música bem mais difícil do que a que se tem ouvido no «salão nobre».

— X —

Lamentavelmente, porém, o «programa de realizações» é feito para inglês ver. Daí que tudo se passe como nas velhas mansões do século passado em que apenas o silêncio dos criados quebra a compostura dos senhores. Entretanto, cá fora, a vida existe.

## LOUROCOOPE: um ano em defesa do consumidor

continuação da página 1

Dotar Lourosa dum moderno e eficiente auto-serviço cooperativo com uma política activa de preços e abastecimento regular, seria a acção central de todo um programa cooperativo, para o qual se mobilizaram muitas esperanças e forças, e a partir da qual os consumidores se libertariam da exploração desenfreada que o comércio local realizava com a maior impunidade.

Os consumidores unidos e organizados em torno do projecto-cooperativo em curso, conseguiram que a obra nascesse, o que ficaria a perpetuar a coragem daqueles que sem esmorecerem acreditaram no poder criador da solidariedade e entreajuda popular contidas no ideário cooperativista.

27 de Agosto de 1977 é o ponto de chegada — abertura da loja-cooperativa — numa longa e dura caminhada, mas é também o ponto de partida para uma acção eficaz e permanente em defesa do consumidor.

Estamos seguros de que assim aconteceu, pela leitura que fazemos dos acontecimentos ocorridos ao longo deste primeiro ano de actividade ao serviço dos consumidores, empregando os melhores meios na orientação dos consumos e no combate firme à vida cara, à especulação, ao açambarcamento e ao mercado negro.

A LOUROCOOPE apareceu e convenceu. Apoiou o «serviço ao consumidor» numa eficiente equipa profissional e animou as vendas com uma «política activa de preços», o que lhe permitiu consolidar-se e actuar como «agente regularizador de preços» no mercado local, obrigando-o a baixar os preços e assim fazendo beneficiar indirectamen-

te os consumidores que aí se abastecem.

Assim, a cooperativa conseguiu impor-se ao tradicional comércio local, «promovendo a qualidade de vida» da população, a ponto das calúnias que, ainda hoje, são lançadas pelos seus inimigos já não convencem ninguém, conforme se pôde apurar da consulta (através de inquérito) que realizamos há um mês junto dos sócios e dos consumidores em geral.

Porém, nem tudo foi o melhor, pois as deficientes condições de abastecimento ao país (ex.: leite e seus derivados, açúcar, óleo e azeite, peixe fresco e congelado) afectaram o funcionamento regular do nosso auto-serviço. Também os critérios anticonstitucionais dalguns organismos de coordenação económica prejudicaram seriamente os interesses dos utentes da loja-cooperativa; veja-se por exemplo: a concessão, pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários, duma contingentação mensal de 2.000 Kgs de abate de carne bovina, passado um ano da entrada em funcionamento, e a atribuição irrisória de 1 a 4 fardos de bacalhau para distribuir a 1040 famílias associadas e aos utentes não associa-

dos, com que a Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau tem contemplado a LOUROCOOPE.

Felizmente, já são muitos os consumidores conscientes da verdadeira missão da cooperativa — não só um ponto de distribuição de bens, mas algo mais, que luta pela educação e defesa do consumidor.

Conscientes de que somos parte integrante do Movimento Cooperativo Português, e de que na sua unidade está a sua força, também sempre respondemos presente a todas as iniciativas tendentes ao seu reforço.

Concluimos, que não sendo tudo e o melhor que se poderia e deveria ter feito, a LOUROCOOPE manteve-se fiel aos princípios que nortearam a sua fundação, unir e organizar os consumidores numa cooperativa, para que se defendessem da exploração e contribuísse para a formação integral do homem.

Iremos continuar a dar o melhor, para que a LOUROCOOPE ajude a criar um sistema de participação colectiva na propriedade e nas decisões, desenvolvendo uma economia posta ao serviço do consumidor, e constituída a partir do consumidor.



# Pá velha

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

# PONTO DE VISTA



## ITE, MISSA EST

Não é certamente sem razão que os bispos portugueses andam preocupados.

Há um país que, por tradição, se diz católico. Percentagens? Uns 80% ou 90%, ao que consta. De batizados.

O preceito mais divulgado da religião católica (a nível exterior) é a participação na missa dominical. Um dos mandamentos da Igreja, aliás.

Que pensar, então, quando um recenseamento nos diz que apenas 2,4 milhões de católicos vão à missa ao domingo, enquanto uns 4,8 milhões não vão? É motivo de preocupação para os bispos. É motivo para reflexão.

Das três uma:

a) ou estão mal os católicos,

b) ou estão mal os mandamentos da Igreja,

c) ou está mal a missa.

Ou, ainda, está mal a identificação que se faz: batizados, logo católicos. Só assim é possível falar em 7 ou 8 milhões de católicos portugueses.

Ou, ainda, está mal considerar imediatamente católico

todo aquele que vai à missa ao domingo. Ser católico é, parece, bastante mais do que isso. Em muitos casos será, mesmo, algo bastante diferente disso.

— X —

Acordaram os bispos de uma longa viagem pelas nuvens?

Só agora se lembraram de olhar para as Igrejas?

Só agora descobriram que os homens são muito diferentes de percentagens e de certas estatísticas?

Só agora entenderam que o tempo não pára, como por vezes pára a Igreja?

Não faltarão «espíritos clarividentes e isentos» que venham, agora, lançar culpas: ao 25 de Abril, à degenerescência dos costumes, à pornografia, às escolas «marxizadas», à maior independência das mulheres e dos jovens, às solicitações duvidosas do mundo moderno, a isto e àquilo.

Será que alguém se vai lembrar de atribuir também, por hipótese, uma boa parte da culpa à própria Igreja?

# «Um dia todos os "Zés" serão Josés» — ou «Quando a palavra Homem se escrever com maiúsculas»

«É triste o entardecer  
Como é triste a madrugada;  
É triste um homem morrer,  
Sem ter chegado a nascer» (1)

Aquele «Zé» com quem falamos é um dos muitos «Zés» deste país dito «jardim à beira mar plantado».

Não o José I, o faustoso monarca da longa cabeleira com o seu cão de guarda, o Marquês de Pombal, por acaso também José;

Não o(s) José(s) Manel (eis) de Melo, super-patrão(ões) do tempo da fachada — do nosso tempo, também;

Nem tão pouco o José Baptista Pinheiro de Azevedo, o da «fumaça»...

NÃO!

O «Zé» com quem falamos também não é o Jorge Letria ou o Afonso, desejosos, pelo canto de intervenção, da mudança, mas... cantar não basta...

NÃO!

O «Zé» com quem falamos é um velho que nunca foi ninguém. Porque nunca explorou; porque nunca herdou; porque nunca roubou; porque nunca foi privilegiado da sociedade.

O «Zé» com quem falamos é um espezinhadro — um «Zé Ninguém». Chama-se José Rodrigues Pinheiro, tem 66 anos e vegeta em Silvalde, mas isso

não é o mais importante. O importante é que, como este «Zé», muitos outros «Zés» vivem pelo mundo fora...

«Há anos para trás não se vivia em condições, mas agora também há muitas dificuldades p'ra viver. A gente ganha muito pouco com as hortaliças e mesmo com muito esforço não se consegue pagar coisas que fazem falta. Preciso duma sachola mas preciso desse dinheiro p'ra viver» — diz-nos este «Zé», que trabalha uma territa, cujos proventos nem sequer dão para viver razoavelmente.

«Não é bom falar nos preços. Está tudo pela hora da morte e o leite, que tanto trabalho nos dá — tirar o estrume à vaca, levá-la à erva, enfim, tanto trabalho pago com tão pouco dinheiro e a gente nem sequer tem p'ra comer».

E ainda: «Comprei mesmo agora um bocadito de bacalhau e quase deixava ficar na loja o dinheirito todo. Está tudo uma miséria. Como a vida está não ganho p'ra comer, nem vestir, porque a Casa do Povo não dá uma tensa porque diz que tenho um campito, e ele não me dá p'ra viver».

Nós falamos com um «Zé». Um «Zé» vítima de injustiça. Injustiça fabricada pela sociedade do «Ego».

Mas até quando durará esta podre sociedade? Até quando?

Até descobrirmos que um «Zé» mais outro, mais outro ainda e por fim todos os «Zés»; seremos milhões. E quando os milhões de «Zés» que somos se juntarem e lutarem, então sim, os «Zés» serão Josés, a palavra HOMEM escrever-se-á com maiúsculas...

«Só eu durmo tranquilo deitado na relva

E acordo com raiva de me contemplar

No espelho que reflecte todas as paredes

Do meu calmo, secreto e futuro lugar» (2)

(1) António Pinho para a «Banda do Casaco»

(2) José Cid para o «Quarteto 1111»

AUTOR: Serviço Cultural de Realizações do Siljornal.

PREMIADO NO CONCURSO NASCENTE NA MODALIDADE DE REPORTAGEM

FÁBRICA DA BRASILEIRA



Ramiro de Sá Couto, L.da

Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

## CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Rua 20 n.º 735 Tel. 920216 Apartado 107 ESPINHO

## Supermercado do Lar

CAMPANHA DO MÊS

Papéis de parede desde 100\$00 o rolo — Alcatifas de 1.º desde 120\$00 o m2 — Móveis de sala desde 17.500\$00  
Cozinhas por elementos — Candeeiros — Maples — Arcas  
Tapeçarias — Tudo para o seu Lar  
Descontos p/ Revenda

Rua 62 n.ºs 227-231 Telef. 922986 ESPINHO

## EXPOSIÇÃO DE VERÃO NA «ÁRVORE»

R. Azevedo Albuquerque, 1 PORTO

Estará aberta ao público no período que vai de 4 de Agosto a 10 de Setembro, uma exposição em que estarão representados alguns dos melhores artistas portugueses.

Esta realização pretende, assim, preencher mais uma lacuna numa actividade cultural tão carecida de apoios.

A exposição estará aberta das 15 às 18,30 h. e das 21 às 22,30 horas.

A «Árvore» espera a sua visita.

## Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

## Talho e Charcutaria

### CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

## Fábrica de Tapetes para Automóveis

AQUILES PINTO LOUREIRO

Alcatifas — Carpetes — Tapetes

Rua 22 n.ºs 1190-1192 — Tels.: Fáb. 922171 — Res. 921556 (Frente às Oficinas Martins)

ESPINHO

## STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

## António Luís Ferreira Pereira

A G R A D E C I M E N T O

A Família de ANTÓNIO PEREIRA agradece às pessoas amigas que acompanharam o seu funeral e compareceram à missa do sétimo dia.

## Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º  
Telef. 921014  
E S P I N H O

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

## BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

VENDE-SE

## FIAT 128

CÔR BRANCA

Falar de manhã

TELEFONE 923013

SOCIEDADE

## MALHAS COPIGTEX LDA

Confecção de Malhas para Criança e Adulto

Rua 22 n.º 1200  
Apartado 76 ESPINHO

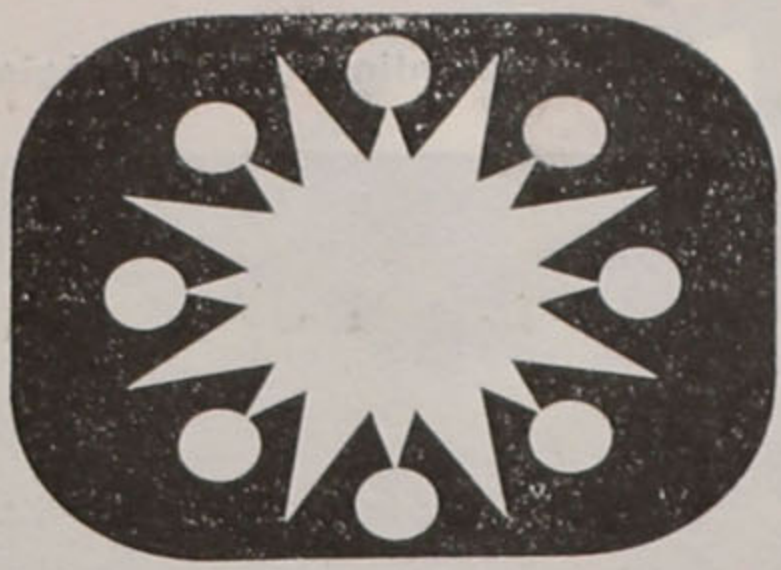
## FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413

E S P I N H O



## O DESPORTO NÃO PAROU

Nestas épocas de férias, no campo ou na praia, quer faça sol, chuva ou nevoeiro, o desporto federado, o das competições, dos pontos, da vitória, dos castigos disciplinares, da derrota, da euforia dum público mais ou menos numeroso está retirado, encaçado, barricado atrás dos jogos, dos dribbles, dos passes de fulgurante tango, daquilo que é o jogo de secretárias, de bastidores, o preparar na sombra os trunfos da próxima época. Quanto a futebol já nos mataram o apetite mas continua a faltar o «pontapé a sério». Quanto ao resto esperamos pelo explodir dos calendários. É claro que há mundiais de natação, é claro que o Sporting já foi preso no xadrez do Bessa, que o Porto, encostado ao título passou em Setúbal, mas nós que somos baírristas, que gostamos cá da terra, não temos nada, a não ser conhecimento de que os «tigres» ficaram a zero em Águeda e na Vila da Feira, ataques de monótonos empates e que existem os tais jogos misteriosos de secretárias nas modalidades amadoras. E, já nos esqueçamos que o S. Félix da Marinha, com o campo a rebentar pelas costuras, rece-

beu o Benfica, ex-juniores e reservas, onde brilharam Mário Wilson, Cavungi e Nelson que foi do clube da casa e que os encarnados pescaram, e perdeu por 1-3.

Mas, se nos lembrarmos daqueles tais que, de calções, pelos e banhas inestéticas, corriam rua a diante, perante o pasmo da mulher que sacudia o pano do pó, daquele punhado de miúdos que num baldio, ervas e covas, chutavam uma bola de plástico, daquele nadador que, por ter dinheiro, nada na Piscina, ou daquele outro, que por não ter e por estar bandeira verde, flutuava no oceano, ou ainda daquele grupo que pegou nas bicicletas enferrujadas e foi dar ao pedal, então podemos dizer que o desporto não parou. Parou o campeonato, o árbitro, a bancada, o público, o polícia, a tabela classificativa, mas não parou a vontade, do atleta super-anónimo, de desenferujar os músculos.

Só é pena que não existam iniciativas oficiais, programas, que venham até nós a fim de incentivar o desporto, de nos pôr a saltar, a exercitar o corpo e a descontrair o espírito.

## EM POUCAS LINHAS

### FALTA DE «IMAGINAÇÃO»

O Nacional (da I) já começou, e com os quatro recém-promovidos a perderem, o que pode querer dizer que a maioria (pelos menos) vai voltar à proveniência, como já aconteceu o ano passado com o Riopele, o Feirense e... o Espinho. Se esta previsão se vier a confirmar, o menos que se pode dizer é que vai faltando «imaginação» ao futebol profissional da ocidental praia. E ainda há quem continue a falar em alargamento...

### O SARDOEIRA AINDA MEXE

E há mesmo, pois o alargamento foi o ponto quente do Congresso Extraordinário da Federação Portuguesa de Futebol, realizado no passado sábado. Das numerosas incidências de tão transcendente reunião, ressaltou mais uma vez a defesa bastante emotiva da famigerada proposta de alargamento pelo não menos famigerado Sardoeiro Pinto, o tal que advogou publicamente o «linchamento» dos árbitros, e que continua a chefiar a A. F. Porto com o incondicional apoio do «Norte Desportivo». Não há dúvida, continua em boas mãos o futebol português.

### ENTRETENIMENTO

Ainda no futebol, o Sporting de Espinho vai-se «entretendo» enquanto não chega o dia 10.

Desta vez foi empatar, a zero, com o Agueda, da Zona Centro, num jogo que não contou para o Totobola. Uma novidade: já jogou, ainda não muito bem, o reforço Sobral, que deve andar a fazer falta ao Beira-Mar, donde saiu.

### É CASO PARA PENSAR

Nadou-se muito em Berlim Ocidental. Os Estados Unidos nadaram mais do que os outros todos, marcando uma nítida superioridade que a R. D. A., no sector feminino, tinha contestado em Montreal. Nestes jogos Olímpicos, os E. U. A. só haviam perdido uma prova no sector masculino e ganho uma apenas no sector feminino. Desta vez, os homens cederam mais medalhas de ouro, mas as mulheres compensaram largamente, quase não permitindo que a R. D. A. «metesse a mão no prato». Valeu a Barbara Krauss para, no último dia, «salvar a honra do convento».

Revelação foi a União Soviética que acrescentou cinco à medalha de ouro que conquistou em Montreal, e que deve estar a pensar muito a sério nos Jogos de 1980 lá em casa. A R. D. A. que vá pensando nisso, também...

### FEITIOS...

Ainda é terça-feira, e pode ser que na quinta-feira, em que sai este número, já tenha havido alterações. Mas, para já, o marcador acusa: Karpov, 4 — Korchnoi, 1. Como o jogo acaba aos 6, tudo indica que o candi-

dato não vai escapar à goleada. Pior, muito pior, do que os 3-2 com que Karpov o bateu no torneio de candidatos de 1976 e em que Korchnoi arranjou como justificação o facto de Karpov ter sido protegido pelas autoridades soviéticas.

Agora, como em Baguio a única autoridade soviética é o respectivo embaixador, a desculpa é o parapsicólogo. E as reacções do candidato são tão intempestivas, e mostram tão pouco equilíbrio, que se chega a pensar se uma consulta a um parapsicólogo não faria bem a Korchnoi.

Quanto a Karpov, as opiniões dividem-se. Uns, que se trata de um Capablanca melhorado outros de que ele apenas tem aproveitado os erros do «apátrida». Seja como for, não há dúvida. O rapaz tem jeito e o «péssimo» hábito de não perdoar erros. Feitios...

### COMPANHEIRISMO

Hinault queixou-se de que não teve equipa para o ajudar no Campeonato do Mundo de Ciclismo e damos-lhe toda a razão. O homem andou ali sozinho, contra os holandeses, os belgas, e os italianos, e dos franceses nem vê-los. Falta de pernas ou de companheirismo, foi uma das coisas.

De falta de companheirismo já não se pode queixar o Fernando Mendes, pois até o Firmino que era doutra equipa não se esqueceu do bonito sentimento que é a amizade. Foi só pena o médico de Mangualde não ser camarada...

## PALAVRAS CRUZADAS

### HORIZONTAIS

1 — O bailado «O Lago dos Cisnes» é a obra mais famosa deste compositor russo do séc. XIX; 2 — Cumprimentai efusivamente; 3 — Ave de rapina; régio; 4 — Milha marítima; ateia; quinhentos e cinquenta; 5 — De boa saúde; pousar; piedoso; 6 — Foi, na França, o impulsor da Reforma religiosa; 7 — Abandona; lugar da freguesia de Silvalde; 8 — O furo é o maior inimigo deste acessório do automóvel; medida inglesa de capacidade, igual aproximadamente a meio litro; 9 — Abrev. de «izuqueiro»; auxílio; porco; 10 — A gente; interjeição de admiração muito usada pelos brasileiros; moeda japonesa; 11 — Clube do distrito de Aveiro, agora na III Divisão, com tradições de grande rivalidade com o Sp. Espinho.

### VERTICAIS

1 — É costume chamar-se assim ao italiano, por ele viver para lá dos Alpes; 2 — Rio de Portugal; apetrecho de pesca à linha; 3 — Têm; argila amarela

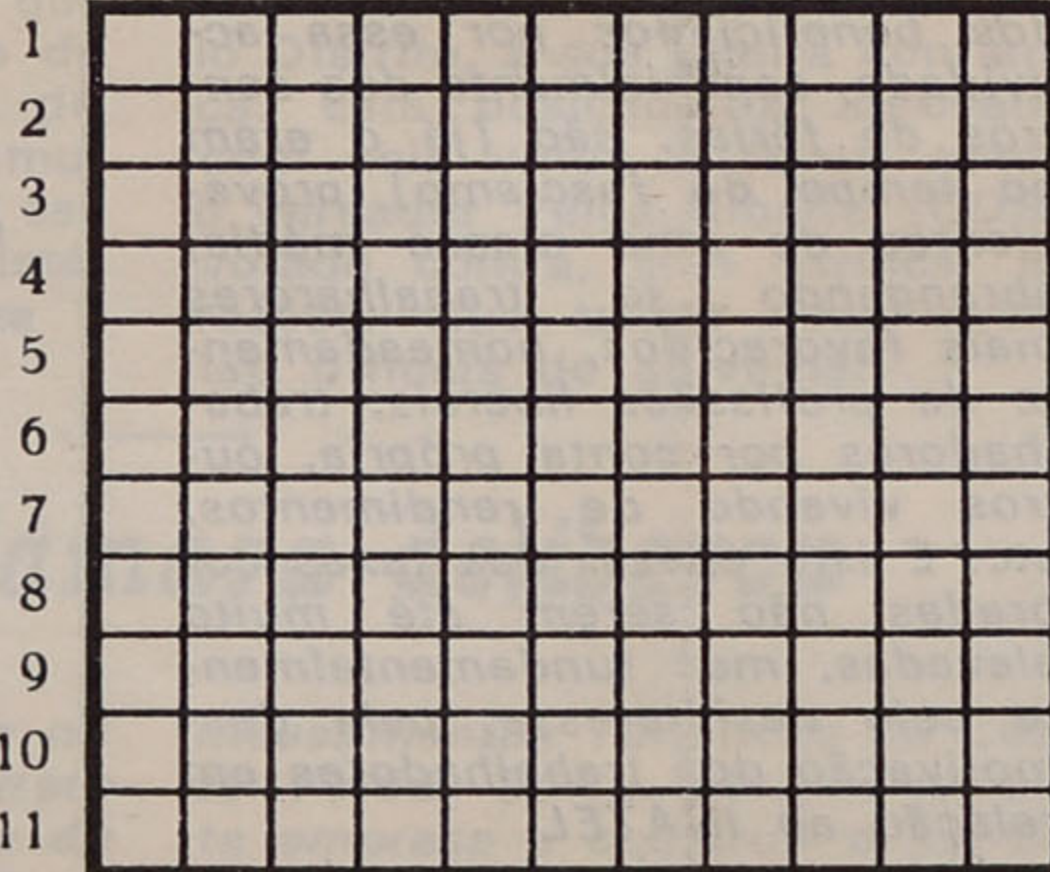
## PROBLEMA

### N.º 12

### BRANCO SIMÉTRICO

ou vermelha usada no fabrico de tintas; silfício (s.q.); 4 — Descerrei; a bebida mais barata; 5 — Andar; partido dirigente do povo angolano; simplificação muito usada pelos ingleses e americanos para o nome «Joseph»; 6 — Tudo indica que continuará a ser o campeão mundial de xadrez; pedra preciosa vermelha; 7 — Dialecto provençal; membrana que dá a cor aos olhos; oferecer; 8 — Circunscrição judicial; imitação barata do cabedal; 9 — Feche as asas para descer; pref. sign. «muitos»; pref. de negação; 10 — Acrescentei; seres; 11 — Grande parque nacional nos Estados Unidos, famoso pelos seus «geisers».

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



### SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 11

#### HORIZONTAIS

1 — Aristóteles; 2 — Pôr; Rur; XVI; 3 — Acame; Orion; 4 — Ri; amaça; CF; 5 — Torrefacção; 6 — Enredai; 7 — EUM; aço; MAI; 8 — INEF; Goia; 9 — Di; Esopo; Rs; 10 — Abra; adia; 11 — Robespierre.

#### VERTICAIS

1 — Apartheid; 2 — Rocio; união; 3 — Ira; reme; BB; 4 — MARN; feri; 5 — Tremera; sãs; 6 — Ou; afecto; 7 — Trocado; Pai; 8 — Raça; godé; 9 — LXI; cimo; ir 10 — Evoca; airar; 11 — Sinfonias.

## Rascunhos

Volta e meia, quando eu era catraio, meu pai levava-me com ele até ao Porto, onde trabalhava. Para mim era um acontecimento notável esta deslocação à Invicta. Tão assinalável como a minha inesquecível e saudosamente recordada cascata das festas de Junho. Tão emocionante como a leitura semanal do «Senhor Doutor». Aquilo era uma festa.

O ver-me só com o meu pai dava-me uma sensação confortável, ao mesmo tempo de segurança e de me transformar numa pessoa importante. Sentia-me gente quando almoçava com ele num qualquer restaurante português. A viagem no ronceiro e desconfortável comboio era uma verdadeira aventura, daquelas que o meu precoce vício da leitura me fazia viver espiritualmente muitas vezes.

Mas o momento mais alto de cada uma dessas jornadas inolvidáveis da minha infância era a travessia da hoje centenária Ponte de D. Maria. Não sei quantas vezes a paciência de meu pai tinha que responder-me se faltava ainda muito ou pouco para chegar àquela ponte. Até que chegava o instante tão ansiado. Meu pai abria-me a janela, recomendava que não pusesse a cabeça de fora por causa das fagulhas que a locomotiva vomitava em quantidades industriais, e os meus olhos deleitavam-se com o espectáculo que corria lá em baixo, ao lado do rio.

Os pequenos humanos que andavam a dezenas de metros abaixo de mim provocam-me a euforia. Aquilo era melhor que os «santos» da minha cascata joanina. Porque os meus «santos» eram de barro e não se moviam sem ordem da minha imaginação e aqueles humanos anões da beira-Douro mexiam-se como eu. Eram tão pequenos e tão engraçados...

Com o imenso jeito e carinho que tinha para satisfazer a minha curiosidade infantil, meu pai dizia-me que aquela gente lá em baixo era do mesmo tamanho que ele ou eu, e que a minha convicção dos seres anões não era mais do que a ilusão causada pela distância que deles me separava. Tenho a impressão de que, nessas alturas, nunca o meu pai me convenceu e só muito mais tarde é que vim a concluir que, uma vez mais, ele me elucidara devidamente.

Quando, hoje, do cimo de uma ponte ou de outro qualquer ponto alto vejo os anões lá de baixo, vem-me a saudade da minha meninice e a bem mais profunda saudade de meu pai. E, sem querer, uma amargura me invade por, em contraponto, me ver forçado a reconhecer que algumas das pessoas, pretendendo parecer uns gigantes, não passam de uns anões ainda mais minúsculos que os ribeirinhos da minha meninice.

Carlos P. Moraes

# ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752

ESPINHO



## PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

— Alinhamento de Direcções  
— Vulcanização de Câmaras  
— Equilíbrio de Rodas

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

TE. 926326

## Conselho Municipal

continuação da página 1

tiva, podendo apresentar sugestões, organizar-se em grupos de trabalho dirigidos a determinadas acções, preparar-se para responder aos pedidos de pareceres que surjam. Queremos, portanto, que haja um trabalho contínuo, queremos intervir na vida do concelho, não queremos cair numa situação de passividade. Se tivéssemos instalações próprias, onde trabalhar à vontade, sem ter que utilizar o gabinete da Assembleia Municipal, sem ter que trabalhar no café ou em casa de algum membro, teríamos mais facilidades de trabalho, resultando, como é óbvio, um trabalho mais correcto. Mas, ainda não se fez nenhuma exigência, porque conhecemos as dificuldades com que a Câmara se debate. Aliás, a Câmara Municipal tem colaborado da melhor maneira. Terá que se dar tempo ao tempo!»

Embora tenha sido informado que o Conselho Municipal do Porto era o primeiro a constituir-se, já o de Espinho tinha sido empossado e elaborado o seu regimento. Poucos Conselhos funcionam a nível nacional, mas cá já se trabalha, não se ignorando a sua real importância!

«A Câmara e a Assembleia

ganizativa que nos permita pôr problemas e apresentar soluções. Apesar do 25 de Abril, as pessoas ainda não se convenceram que podem recorrer aos órgãos do poder, não só quando lhes toca pela pele, mas quando se está face a uma situação de interesse geral.

Teria, portanto, um certo interesse que as sessões fossem públicas, pois as populações ficariam a par. Mas nós somos um órgão consultivo, discutimos o que voltará a ser tratado na Câmara ou na Assembleia, e aí as sessões serão abertas. Portanto, as sessões só são abertas aos órgãos de informação, que deverão divulgar e criticar a nossa actuação, informando as populações do que se passa. As pessoas podem, e devem, abeirar-se dos elementos que compõem o Conselho Municipal e expôr os problemas, solicitando a nossa intervenção».

O facto de a Assembleia Municipal não ter solicitado a intervenção do Conselho quanto à distribuição dos subsídios, significa que existe algum diferendo entre estes dois órgãos ou alguma tentativa de marginalização?

## Primeiros pareceres aprovados

No passado dia 23 de Agosto reuniu-se o Conselho Municipal com o objectivo de dar parecer solicitado pela Assembleia Municipal acerca da possível adesão do concelho de Espinho à Associação de Municípios do Porto. Para este efeito foi formado um grupo de trabalho que apresentou uma detalhada exposição favorável à adesão de Espinho a essa Associação já que, apesar de pertencer ao distrito de Aveiro, Espinho tem grandes afinidades e relações com o Porto. Por outro lado, foi também apresentada opinião acerca da estrutura administrativa e técnica da referida zona e da forma de elaboração do plano que a abrange. Estas exposições foram discutidas pelos membros do

conselho, que as aprovaram integralmente.

Foi também discutida, por proposta de Ernesto Lucas, uma moção a enviar à Assembleia Municipal em que o Conselho manifesta o seu desacordo pelo facto da questão dos subsídios a distribuir pelas colectividades não ter baixado a este órgão já que aí estão representadas todas as colectividades do concelho. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Por último cabe referir a decisão de tornar abertas as sessões do Conselho aos órgãos de informação que, para tal serão previamente avisados.

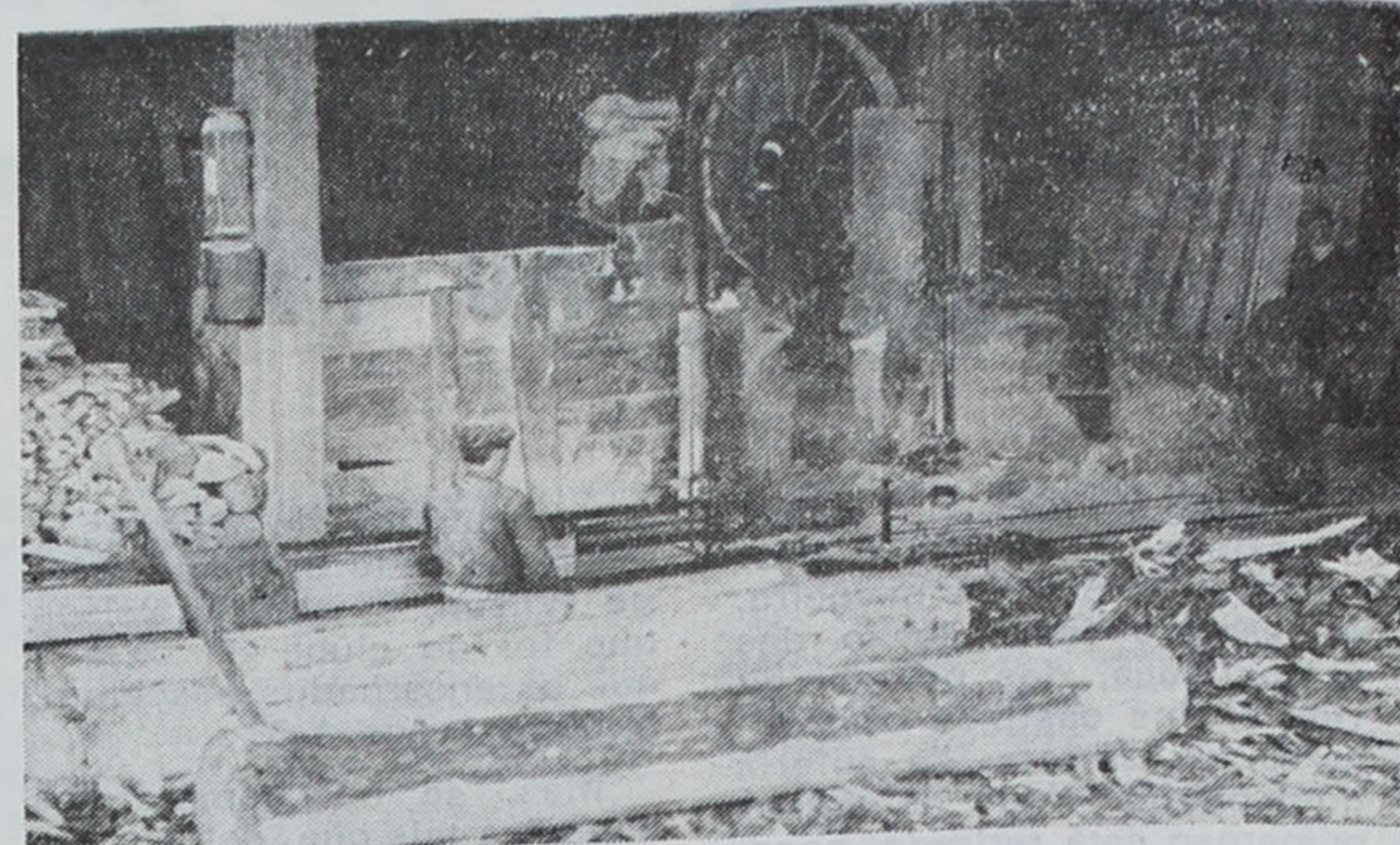
No dia 4 de Setembro voltará a haver reunião para escolha do representante dos utentes nos órgãos directivos do Hospital de Espinho.

são órgãos constituídos por elementos eleitos através de candidaturas partidárias. O Conselho Municipal contém em si representantes de diversificados ramos, independentemente de pertencerem a este ou aquele partido, representantes das colectividades. Apesar de ser um órgão consultivo tem, por representar os interesses das diversas camadas populacionais, uma grande possibilidade de intervir na defesa dos seus interesses, de ser um porta-voz da população. É claro, que as deficiências de dados e de informação impedem-nos de ter uma visão completa sobre o concelho e, para apresentar soluções, baseadas em factos empíricos, gratuitos, mais vale estar calado. Contudo, os grupos de trabalho vão-se formar e vamos trabalhar com aquilo que temos, procurando alcançar uma forma or-

«Não existe de modo algum, diferendo entre os dois órgãos. O facto é que o Conselho foi constituído há pouco tempo, ainda não está bem presente nas pessoas a sua existência e as suas capacidades. Por outro lado, havia uma certa pressa de distribuir os subsídios, de evitar adiamentos, que surgiriam com a nossa intervenção. O significado da moção aprovada na nossa sessão e a enviar à Assembleia é chamar a atenção da nossa existência e sublinhar que representamos as colectividades, as organizações do concelho. A partir da elaboração deste parecer sobre a integração na Associação de Municípios, deveremos ser vistos de maneira diferente. Não nos limitamos a dizer sim ou não, mas fundamentaremos a nossa opinião, o que é nossa preocupação fundamental».

da cultura. E, por último, quase nada se faz ao nível dos governos pela criação de estruturas que possam enquadrar de um modo correcto os tempos livres dos trabalhadores.

Em Portugal, o fascismo alimentou com a FNAT um simulacro de organização destinada à ocupação dos tempos livres dos trabalhadores, e agora o INATEL, herdeiro desse FNAT, continua a viver com base nas estruturas antigas e a não desempenhar o papel que lhe deveria caber, isto após um período a seguir ao 25 de Abril em que se criaram algumas perspectivas de que as coisas iriam mesmo mudar. São os próprios trabalhadores do INATEL que dizem, ao tomar consciência do problema:



QUE DIREITO A GOZAR QUE FÉRIAS ?

## COMO SÃO SUAS FÉRIAS ?

«Passo sempre o meu mês de férias em Espinho. O tempo que tenho livre geralmente ocupo-o a estudar. Sou trabalhador-estudante.

Conheço os programas de férias do INATEL, mas acho que é pouco divulgado no nosso sector de serviços».

Funcionário público, 25 anos

«Tenho férias por períodos. Tanto podem ser 15

dias num mês e 15 dias noutro. É consoante o trabalho da empresa. Passo-as cá em Espinho, porque não tem aparecido oportunidade para passar fora.

Tenho alguns tempos livres, mas não sei em que os hei-de ocupar, por serem tão poucas as possibilidades que Espinho oferece. Não, não estou a par da orgânica do INATEL».

Operário fabril, 24 anos

«As férias que tenho ocupo-as a estudar. É raro ter tempos livres. Só da uma e meia às duas e meia e esse tempo passo-o no café. Tenho conhecimento das férias do INATEL, mas não tenho possibilidades».

Empregado comercial, 28 anos

«Dos 60.000 sócios do INATEL, que pagam uma quota de 60\$00 anuais, alguns, efectivamente trabalhadores, praticam desporto dentro das estruturas do INATEL. Outros (dos quais uma minoria de operários) gozam as suas férias nos centros de férias e parques de campismo do INATEL. Mas a maioria dos beneficiados por essa actividade, especialmente dos centros de férias, são (já o eram no tempo do fascismo) provenientes de uma classe média, abrangendo só trabalhadores mais favorecidos, nomeadamente de profissões liberais, trabalhadores por conta própria, outros vivendo de rendimentos, etc. E isto apesar das taxas cobradas não serem até muito elevadas, mas fundamentalmente pelo desinteresse, pela desmotivação dos trabalhadores em relação ao INATEL.

Estamos assim dentro de um círculo vicioso que urge quebrar em algum ponto. Os trabalhadores, uma grande maioria, mesmo alguns responsáveis sindicais, ou ignoram até a existência do INATEL, ou, se a conhecem, não lhe dão qualquer importância. E porquê? Exactamente porque os benefícios de que poderiam usufruir lhes não chegam, chegam apenas aqueles 60 milhares. Quantos trabalhadores gozam férias? Quantos têm acesso à cultura divulgada pelo INATEL?»

Foi assim que os trabalhadores do INATEL, reunidos no seu 1.º Encontro Nacional constataram a improdutividade do Instituto onde trabalham e se dispuseram a lutar dentro do próprio INATEL pela sua reorganização, para que sirva um número cada vez maior de trabalhadores, assumindo com coerência as posições necessárias perante as políticas das Comissões Administrativas ou dos Ministérios do Trabalho que venham a gerir o INATEL.

Mas são eles mesmos que reconhecem que a sua acção não será suficiente. Terão que ser os restantes trabalhadores, os dirigentes sindicais, nomeadamente, que devem também eles ver no INATEL uma estrutura que deve estar ao seu serviço, divulgando-a nesse sentido.

## NASCENTE - CINECLUBE

SABADO, DIA 2

às 21,30 horas

SALÃO DA PISCINA

## «EASY RIDER»

com Peter Fonda, Dennis Hopper e Jack Nicholson



Em 1968 apareceu nos E. U. A. este filme, que havia de marcar profundamente uma época.

Billy e Wyatt, os heróis da fita, montados em potentes motos, passeiam o seu desprezo pela América convencional e hipócrita, que igualmente os despreza mas também os persegue.

Um pouco do já ignorado movimento «hippie» que, visto 10 anos depois, nos faz pensar na capacidade de recuperação do sistema policial norte-americano.



PORTE PAGO